

E-mail: segundocaderno@oglobo.com.br

ARTUR XEXÉO

A ELITE METALÚRGICA

Nunca se falou tanto em elite no Brasil. As viúvas de Lula acusam a elite pela corrupção que enterrou o país. É a elite que pressiona o Poder Judiciário para emitir sentenças a seu favor. É a elite que persegue o ex-presidente da República que, coitado, condenado a 12 anos de cadeia por corrupção passiva e lavagem de dinheiro, lhe é negado o direito de se manter em liberdade. Mas que elite é essa? Há muitas elites no Brasil. Para identificá-las basta seguir os sinais exteriores do comportamento elitista. Por exemplo, certamente é de elite quem viaja o mundo inteiro em jatinho particular cedido por empreiteiros. Ou que, pelo menos, se interessa por comprar um apartamento triplex em balneário paulista. Ou ainda quem comemora vitórias eleitorais tomando vinho francês Romanée Conti, cujo custo se aproxima dos R\$ 100 mil por garrafa. Surpresa: a elite é Lula! Os defensores do ex-presidente costumam dizer que a elite rejeita um operário pobre que ou sou ser candidato a presidente. Que é isso, Brasil? Dezesseis anos depois de vencer sua primeira eleição, Lula ainda é identificado como operário pobre? O sonho de todo democrata brasileiro sempre foi ver a Justiça funcionar de maneira igual para todos. Pobres e ricos têm que ter tratamento igual. Elite e proletariado estão sujeitos à mesma lei. Finalmente, a frágil democracia brasileira chegou lá. Lula e Eduardo Cunha estão no mesmo balaio. Há quem reclame até da celeridade da Justiça no caso específico de Lula. Logo a Justiça brasileira, que sempre foi tão vagarosa? Pois é, a gente passou a vida inteira reclamando dos passos de cágado de nossos tribunais e, quando enfim eles dão mostra de alguma agilidade, a gente reclama também. As viúvas de Lu-

la respondem a seu decreto de prisão reclamando que Aécio continua solto, que Cármen Lúcia não põe em pauta o julgamento das Ações Diretas de Inconstitucionalidade que podem beneficiar o condenado, que falta julgar outro habeas corpus, que ainda não ocorreu o trânsito em julgado... Vem cá, e os crimes de lavagem de dinheiro e corrupção passiva? Ninguém tem nada a dizer? A elite representada por Lula foi condenada a 12 anos de prisão. Que passe a cumpri-los.

Eu sei que o voto da ministra Rosa Weber foi exemplar. Li o artigo do Merval elogiando sua coerência. Ouvi os comentaristas da GloboNews que estavam encantados com seu embasamento. Gostei quando a ministra, logo ao iniciar seu voto, disse que ele já estava pronto desde a semana anterior. Foi uma maneira sutil de rebater os comentários das viúvas de Lula de que o STF cederia às pressões do tuíte do general Villas Bôas, ocorrido na véspera, ameaçando com um novo golpe militar caso o resultado do julgamento do habeas corpus não fosse de seu agrado. Gostei também quando a juíza, ainda antes de emitir seu voto, quis reforçar que ela era a quinta a votar e que o resultado, àquela altura, era 3 a 1. Em

outras palavras, não aceitava a interpretação generalizada de que seu voto seria o decisivo. Mas a juíza falou tanto, tanto que, em dado momento, cheguei a temer que o crime de Lula prescrevesse antes de ela terminar sua explanação.

A tribuna do Supremo Tribunal Federal é mesmo o lugar adequado — ou locus adequado, como gosta de dizer a ministra Rosa Weber — para o ministro Gilmar Mendes expor sua insatisfação com o modo como a imprensa — ou a mídia golpista, como gostam de dizer as viúvas de Lula — o trata? Para reclamar da TV Globo, do GLOBO ou da “Folha”, o ministro deveria escrever uma carta para cada um. E não se fala mais disso.

Se não houvesse a propaganda gratuita feita com tanta disposição pelas viúvas de Lula, “O mecanismo”, a série que José Padilha realizou para o Netflix, talvez passasse despercebida. Plataformas como a Netflix precisam de muitos títulos para dar a impressão ao assinante de que há variedade e quantidade à sua disposição. É claro que a qualidade nem sempre é a mesma. Há produtos bons, produtos ruins e produtos... Ok. A Netflix não tem como acertar sempre e

precisa produzir sem trégua para dar conta da demanda. Assim, a maioria das atrações que apresenta são de boa qualidade técnica, tem bom elenco, parte de um bom argumento, mas é apenas ok. “O mecanismo” está nesta categoria.

Padilha criou um grupo de personagens que dariam uma ótima série. O agente bipolar da Polícia Federal, sussurrado por Selton Mello, e a policial destemida interpretada por Caroline Abras poderiam ser protagonistas de um seriado policial viciante. O erro de Padilha foi associar “O mecanismo” à Operação Lava-Jato. É impossível assistir ao programa sem perceber que isso ou aquilo não foi bem assim. Eu, por exemplo, impliquei com o fato de o doleiro Roberto Ibrahim (a representação ficcional de Alberto Youssef) ser preso num hotel de Brasília quando, na verdade, Youssef foi preso num hotel em São Luís do Maranhão. As relações com a Lava-Jato de verdade parecem sempre forçadas. E por que cargas d’água os policiais da série são de uma certa Polícia Federativa, mas o que se lê na fachada do prédio no qual trabalham é Polícia Federal? Padilha mostrou que domina a linguagem de uma série de ação, mas entregou seu trabalho às feras quando insistiu em fazer um seriado político. “O mecanismo” é só ok.

O Parque Lage festeja o financiamento coletivo que arrecadou R\$ 1 milhão para trazer ao Rio a exposição “Queermuseu”. Agora só falta pagar a conta de luz. Outra vaquinha eletrônica?

Uma pergunta que não quer calar: o que foi feito com o dinheiro do seguro do Teatro Villalobos?

A cidade está abandonada.●



Instalação literária. No cenário de Adriano Guimarães e Ismael Monticelli, Gisele Fróes dá voz ao relato autobiográfico de Marco Flaminio Rufo, um tribuno militar do Império Romano que se lança em uma odisséia em busca da imortalidade

LUIZ FELIPE REIS
luiz.reis@oglobo.com.br

Não se sabe ao certo quando começa ou termina a peça “O imortal”, quando é ou não é uma peça, quando Gisele Fróes é ela mesma ou é Marco Flaminio Rufo, o tribuno militar do Império Romano que guia o texto original, homônimo, do escritor argentino Jorge Luis Borges (1899-1986).

É justamente por não saber o ponto onde começa ou termina uma coisa e outra — teatro e encontro, ficção e realidade, mito e verdade — que a peça “O imortal” se aproxima do modo como Borges relaciona morte-vida e finito-infinito em sua literatura, esta máquina de (e)levar à imaginação os paragens do cosmos e seus paradoxos: os limites entre o algo e o nada na origem de tudo.

Primeiro monólogo da carreira de Gisele Fróes, “O imortal” estreou, na última sexta-feira, no CCBB. Além de dar corpo e voz a uma literatura tão pouco encarnada e escutada nos palcos, a peça se impõe o desafio de materializar um dos mais engenhosos contos de Borges.

Com direção de Adriano Guimarães, que divide a dramaturgia com Patrick Pessoa, a ence-

‘O imortal’ BORGES COM OLHAR E VOZ DE MULHER

Atriz Gisele Fróes interpreta conto do clássico ‘O Aleph’ em seu primeiro monólogo, que estreia no CCBB com direção de Adriano Guimarães

nação narra a íntegra do texto, publicado em 1949 na coletânea “O Aleph”, e vai além: articula o conto a diferentes elucubrações literárias e filosóficas do mestre argentino acerca dos múltiplos sentidos da imortalidade — extraídas de palestras ou entrevistas do autor.

Na montagem, que segue as pistas de Borges, os binômios morte-vida, mortalidade-imor-

talidade não se opõem, como quis a linguagem humana, mas se retroalimentam, expressando o próprio fluxo da vida. Nesse jogo refratário a arbítrios humanos, a narrativa leva, pouco a pouco, a contemplar a falência de uma das maiores ambições da Humanidade: o controle sobre a vida, a vã obsessão de impor ou definir limites para o que é ou não é mortal.

— A peça aborda a ideia da imortalidade da carne, esta ambição humana, mas joga em outra chave... Fala da imortalidade do gesto humano, da perenidade das ideias, das criações filosóficas, literárias, artísticas, arquitetônicas — explica Adriano.

Gisele complementa:

— Ele fala da imortalidade como continuidade, para além da matéria humana. Numa palestra dele, 25 anos depois de publicar o conto, ele fala sobre a ligação entre a imortalidade e a literatura, de que ao escrever um livro ele se torna imortal. É verdade. No teatro, quando a gente repete as palavras de alguém, ou revive as emoções de alguém, você está imortalizando essa pessoa.

Para Adriano, Borges sugere que algumas fronteiras que as pessoas estabelecem são um pouco artificiais:

— Ele diz que, na verdade, está tudo plasmado, entrelaçado na matéria cósmica. E aponta para essas misturas... Não sabemos, ao certo, de onde surgem as coisas. O que existe é a recombinação entre coisas que já preexistem no mundo, e que estão borradas, sem fronteiras — acredita. — Então, a gente buscou essas misturas. Por isso, não se sabe quando é persona-

gem ou a Gisele, teatro e vida...

Na encenação, tudo começa num ponto inexacto, enquanto a atriz ainda conversa com a plateia e confirma se já desligaram o celular, até que decide contar uma história. Fala de uma mulher que, em Londres, recebe das mãos de um antiquário os seis volumes da “Ilíada”, de Homero, e dentro do sexto volume descobre um manuscrito: o relato autobiográfico de Marco Flaminio Rufo, um tribuno militar do Império Romano que, no século III, se lança a uma odisséia particular em busca da Cidade dos Imortais. A partir daí, acompanha-se a jornada do tribuno: seu encontro com um estrangeiro que lhe fala de um rio que purifica os humanos da morte, sua chegada à fronteira da Cidade dos Imortais, sua perdição entre labirintos até acessar a cidade, assim como seu regresso desaperançado, entre terríveis paisagens desérticas.

JORNADA RUMO ÀS ORIGENS

Neste caminho, a peça provoca o espectador com iluminações e contradições sobre as origens do universo, da história e da literatura. E investiga o desesperado desejo humano pela imortalidade da carne, além de especular

sobre as trágicas consequências de um possível êxito no prolongamento indefinido da vida (a “imortalidade é a morte da pulsação de vida”). Depois, filosofa sobre o conhecimento humano e a relação entre novidade e esquecimento, sugerindo que aquilo que julgamos original talvez seja apenas resultado do esquecimento de suas origens.

— O conto abre com uma citação: “Não há nada de novo sobre a Terra”, disse Salomão. — diz a atriz. — Então, Platão imaginou que “todo conhecimento não é senão lembrança”; e Salomão sentenciou: “toda novidade não é senão esquecimento”.

A atriz lembra que está ali a origem do teatro: o encontro entre pessoas ao redor de um contador de histórias.

— Faço um solo, mas o desejo é compartilhar com o outro algo que me tocou. É um desafio imenso conseguir mover o outro com algo que te comove... Como comover, juntos? — pergunta. — É por isso que, embora seja um solo, em hora alguma estou só, e não deixo de criar diálogos, com o próprio texto, entre as palavras do texto, com o espaço, os objetos, e com a plateia, que são os meus parceiros. Aqui, temos que estar juntos. ●